

**GABRIEL SANCHES GONÇALVES**

# O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE





COLEÇÃO E.BOOKS | FAPCOM

FILOSOFIA

# O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE

**GABRIEL SANCHES GONÇALVES**

O PROBLEMA DA FELICIDADE  
NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE

---



FAPCOM

## **Coleção E.books FAPCOM**

A **Coleção E.books FAPCOM** é fruto do trabalho de alunos de graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Os conteúdos e temas publicados concentram-se em três grandes áreas do saber: filosofia, comunicação e tecnologias. Entendemos que a sociedade contemporânea é transformada em todas as suas dimensões por inovações tecnológicas, consolida-se imersa numa cultura comunicacional, e a filosofia, face a esta conjuntura, nos ocorre como essencial para compreendermos estes fenômenos. A união destas três grandes áreas, portanto, nos prepara para pensar a vida social. A **Coleção E.books FAPCOM** consolida a produção do saber e a torna pública, a fim de fomentar, nos mais diversos ambientes sociais, a reflexão e a crítica.

### **Conselho Científico**

Antonio Iraildo Alves de Brito  
Claudenir Modolo Alves  
Claudiano Avelino dos Santos  
Jakson Ferreira de Alencar  
Márcia Regina Carvalho da Silva  
Valdir José de Castro

## **Livros da Coleção E.books FAPCOM**

**A COMUNICAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA LATINO-AMERICANA**

Paulinele José Teixeira

**ASCENSÃO DIALÉTICA NO BANQUETE**

Iorlando Rodrigues Fernandes

**COMUNICAÇÃO E AMBIENTE DIGITAL**

Cinzia Giacinti

**A ONTOLOGIA DA ALMA EM SÃO TOMÁS DE AQUINO**

Moacir Ferreira Filho

**PARA REFLETIR O QUE A GENTE ESQUECIA:  
ANÁLISE DE VIDEOCLIPES DA BANDA O RAPPÀ**

Talita Barauna

**NARRATIVAS DA FRONTEIRA:  
INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NAS  
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS**

Marcos Vinícius Lima de Almeida

**O CINEMA TRASH E A RECICLAGEM DA INDÚSTRIA CULTURAL**

Juliano Ferreira Gonçalves

**O TRATADO SOBRE AS DUAS NATUREZAS DE BOÉCIO  
ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CONTRAPOSIÇÃO  
ÀS HERESIAS DE ÊUTIQUES E NESTÓRIO**

Gabriel Anderson Barbosa

Direção Editorial  
*Claudio Avelino dos Santos*

Coordenação Editorial  
*Claudenir Módolo Alves*  
*Márcia Regina Carvalho da Silva*

Produção Editorial  
*Editora Paulus*

Capa  
*Gledson Zifssak*

Diagramação  
*Rafael Costa da Silva*

Revisão Gramatical  
*Cícera Gabriela Souza Martins*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gonçalves, Gabriel Sanches

O problema da felicidade na filosofia trágica de Nietzsche [livro eletrônico] / Gabriel Sanches  
Gonçalves. -- São Paulo : Paulus, 2017. -- (Coleção E.books FAPCOM ; 6)  
815 Mb ; ePUB

Bibliografia

ISBN: 978-85-349-4517-2

1. Felicidade - Filosofia 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 - Crítica e interpretação  
I. Título. II. Série.

17-00804

CDD-100

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 100

**© PAULUS – 2016**

Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 – São Paulo – (Brasil)  
Tel. (11) 5087-3700 – Fax (11) 5579-3627  
www.paulus.com.br  
editorial@paulus.com.br  
ISBN: 000-00-000-0000-0

# Agradecimentos

Inicialmente, eu agradeço ao meu querido professor e orientador, Ms. Tiago Casado. O Professor Tiago Casado teve muita paciência, atenção e me deu muito apoio para o desenvolvimento desta monografia. Apoiou-me com material, inúmeros encontros para orientação e também conversas. As aulas de Filosofia da Ciência, Estética e História da Filosofia Contemporânea II, que o mesmo ministrou, foram arcabouços importantíssimos, também. Não consigo encontrar mais palavras para expressar tamanha gratidão.

À minha mãe, Marta, que teve toda a paciência e compreensão. Apenas uma mãe é capaz de aturar um filho de 21 anos de idade, desempregado e, ainda por cima, tendo que arcar com toda a despesa econômica. Por ela fui presenteado com muitos livros e atenção (além da impressão deste trabalho).

Ao Professor Ms. Giovanni Vella, um homem muito sábio! O mesmo não só me apoiou materialmente, mas incentivou-me para continuar no curso de Filosofia, desde o primeiro semestre.

Ao Professor e Coordenador Luís Paulo Neves, porque teve muita paciência com nós, alunos, preguiçosos, que não olhávamos ao calendário acadêmico, mas mesmo assim, sempre nos manteve a par dos prazos. Sem contar a tolerância para a entrega de atividades que estavam fora do prazo e demais burocracias. Não é apenas o coordenador e professor do curso de Filosofia, é amigo de todos nós. Obrigado por nos confortar!

Agradeço à minha melhor amiga, Marina. Sua história, sua vida, sua presença, nossos encontros: como me inspiraram à Filosofia!

Ao Sidnei e à Carol, dois dionisíacos malucos!

Aos meus colegas e amigos de graduação, Ruy e Fernando.

Ao Prouni (Programa Universidade Para Todos) e ao Governo PT (Partido dos Trabalhadores), pela política de governo por meio da qual ampliou o acesso ao ensino superior no país. Sem a concessão desta bolsa, não teria oportunidade de continuar a graduação.

À FAPCOM (Faculdade Paulus de Comunicação), pois é também responsável pelo início do meu desenvolvimento acadêmico, investindo sempre em professores excelentes.

Enfim, agradeço a Deus, pela generosidade que tem tido comigo. Acredito que um trabalho como este relata um pouco da minha história, Deus conduziu para que eu o continuasse.



*“Do alto da montanha, do arranha céu. Sem final  
feliz, ou infeliz, atores sem papel”*

Humberto Gessinger.

# Sumário

Introdução .....	11
CAPÍTULO I	
Estética dionisíaca: uma contraposição à perspectiva socrático-platônica.....	13
1.1 O Dionisíaco e o apolíneo como impulsos da natureza.....	13
1.2 O socrático e o dionisíaco: posturas filosóficas em oposição.....	18
CAPÍTULO II	
A afirmação da dor e do dever na transvaloração de todos os valores .....	21
2.1 Richard Wagner e Schopenhauer como duas negações da existência.....	21
2.2 A dor como um impulso existencial.....	25
CAPÍTULO III	
O trágico: possibilidade para uma vida feliz?.....	31
3.1 O atrelo entre o <i>amor fati</i> e o dionisíaco: impulsos à felicidade.....	31
3.2 A tragédia e a liberdade: As sombras e a felicidade de Zaratustra.....	36
Considerações Finais.....	40
Referências.....	42

# Introdução

No ano de 1844 nasceu Friedrich Wilhelm Nietzsche. Um alemão de família protestante, introduzido desde jovem, por incentivo de seu pai, aos estudos de Teologia. Mas, já na adolescência, após a morte de seu pai, o jovem Nietzsche sentiu o toque da Filosofia, um rumo decisivo para a sua formação acadêmica. Em 1864, ingressa na Universidade de Bonn, para o curso de filologia clássica e, academicamente, teve como figura paterna o professor Friedrich Wilhelm Ritschl, por essa razão, mais tardiamente, transferiu-se para Leipzig, a fim de acompanhar seu grande mestre. Aos 24 anos, foi nomeado professor de filologia com cátedra em Basileia. Durante o período de dez anos, foi também um leitor compulsivo do filósofo alemão, Schopenhauer, em especial a obra *O mundo como vontade e representação*, levando-o a pesquisar a respeito da filosofia pré-socrática, com ênfase em Heráclito.

Nietzsche é uma peculiaridade na História da Filosofia. Durante o seu pouco tempo de vida, produziu muitos escritos sedutores e exortadores de uma conduta que chamou de *transvaloração*. O alemão é conhecido como “O outro da filosofia”, um inovador, uma metralhadora giratória que extermina idealismos, podendo ser considerado o filósofo da instintividade. Mas, ao mesmo tempo, faz-se necessário reconhecer que a sua filosofia é dividida em três fases:

I. A juventude: Possuiu grande influência do compositor Richard Wagner e do filósofo Schopenhauer. Era um acadêmico, com grande influência do Romantismo. A realização no estudo da Estética, recorrendo aos gregos pré-socráticos, às narrativas trágicas e aos materiais antropológicos a respeito da Grécia pré-apolínea, o introduziu à Filosofia e, sobre este tema, ou seja, a estética dionisíaca, está encarregado o primeiro capítulo deste trabalho.

II. Crítica à moral: Ruptura direta com Wagner e Schopenhauer. Nietzsche passa a criticar ferrenhamente o idealismo

alemão e, também, o cristianismo. É sobre esta temática, entrelaçando a obra *Gaia ciência ao Ecce homo*, que foi elaborado o segundo capítulo.

III. O Zaratustra: A fase mais marcante de seu pensamento. Escreve de forma integralmente aforística, desvinculada de qualquer perspectiva que não sejam a trágica e a dionisiaca, o que finaliza o desenvolvimento da pesquisa com o terceiro e último capítulo, que evidencia o Zaratustra como um poeta trágico.

Há em algumas obras de Nietzsche, referências que problematizam a felicidade na sua filosofia trágica. Chama-se problema, pois Nietzsche não trata da felicidade como um princípio ético, tal como fez Aristóteles e outros gregos, mas aborda este termo filosófico, desenvolvido em todos os períodos de sua produção, com uma visão derrotista. Não afirma que haja a impossibilidade de alcançá-la, mas por um dia ter sido tão próxima e presente que, foi preferível estabelecer caminhos demasiadamente árduos, contrários à natureza humana.

A felicidade é uma busca, não há atividade humana que não vise encontrá-la. A Filosofia desabrocha do cotidiano humano, das tentativas de enaltecimento do ser, essa é a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa. Nietzsche a buscou, deixando claro em seus relatos históricos e na sua produtividade filosófica.

O modo com que Nietzsche viveu, doente, e viajando em consequência dessa condição de saúde, influenciou diretamente sua obra. Havia motivos vitais para apresentar ao mundo o seu Zaratustra, essa relação será percorrida no segundo capítulo desta pesquisa. A sua crítica à razão, em anunciar a *décadence* já na figura de Sócrates e na filosofia de Platão, gerou um arcabouço de renúncia daquilo “que se é”, tendo como ápice de renúncias o idealismo alemão. Platão é o pai do idealismo<sup>1</sup>, um ponto de partida para o niilismo<sup>2</sup>. De maneira efetiva, o autor recupera a noção de valorização da terra e dos instintos, algo que era presente no trágico.

---

1 Um exemplo de idealismo na Filosofia de Platão é o sol, que significa emancipação do corpo. Mas o idealismo significa um ponto que se deseja atingir.

2 Em Nietzsche, significa negação e direcionamento à resignação.

## CAPÍTULO I

# ESTÉTICA DIONISIÁCA: UMA CONTRAPOSIÇÃO À PERSPECTIVA SOCRÁTICO-PLATÔNICA

### 1.1 O Dionisiáco e o apolíneo como impulsos da natureza

A filosofia de Friedrich Nietzsche rompe com preceitos, principalmente com o cristianismo. Proporciona para aquele que o busca, na leitura de suas obras, um caminho novo, diferente e combativo a praticamente tudo que fora constituído conforme as tradições platônicas e aristotélicas. Ao mesmo tempo, encontra no grego homérico a amoralidade, o dionisiáco.

Sim, o que é o dionisiáco? – Neste livro há uma resposta a essa pergunta – um “sabor” fala aqui, o iniciado e discípulo de seu deus. Talvez eu falasse agora com mais precaução e com menos eloquência acerca de uma questão psicológica tão difícil como é a origem da tragédia entre os gregos. Uma questão fundamental é a relação dos gregos com a dor, seu grau de sensibilidade – esta relação permaneceu igual ou se inverteu? – aquela questão de se realmente o seu cada vez mais forte *anseio de beleza*, de festas, de divertimentos, de novos cultos brotou da carência, da privação, da melancolia (NIETZSCHE, 2007, p. 15).

Felicidade, segundo Nietzsche (2010) é uma noção pessimista, o homem moderno é considerado adoecido pela formação cultural no Ocidente desde Platão, o que seria o grande lapso, em oposição a tal noção, proclama o dionisiáco como impulso da natureza humana.

Não há como colocar em questão a felicidade na obra de Nietzsche sem antes analisar o seu princípio estético. O autor é um grande admirador da música de Richard Wagner<sup>3</sup>, dos cortejos báquicos, da escola romântica e tudo que remeta ao trágico. Dionísio está presente em todos estes movimentos, na admissão dos instintos e também da dor, Nietzsche declara que Dionísio é também um filósofo: “Eu sou um aprendiz do filósofo Dionísio, e faço gosto antes em ser um sátiro do que um santo” (NIETZSCHE, 2004, p. 18). Uma postura filosófica, um desmembramento direto das tradições que foram citadas no primeiro parágrafo deste capítulo, e ao mesmo tempo a recuperação daquilo que, segundo o autor, nunca deveria ter sido perdido.

A palavra *décadence* é um dos termos mais importantes que podem ser encontrados em sua obra; o mesmo a utiliza quando identifica na história humana a negação instintiva e prefere aquilo que lhe é prejudicial. A *décadence* torna o homem degenerado, distante da sua própria natureza, um *doente animal humano*: “Como provavelmente se suspeita, entendo a corrupção no sentido de *décadence*: meu argumento é que todos os valores em que a humanidade agora estabelece seus mais elevados anseios são valores da *décadence*” (NIETZSCHE, 2010, p. 16).

Estes anseios, que na visão do autor são anseios doentios, também são sintomas de uma espécie que foi corrompida na transcorrência de sua história. Desmantelamentos do que é verdadeiramente humano, a instintividade. O dionisíaco é um impulso da natureza, um princípio de vitalidade que se manifesta na música, na dança e em tempos que a vinha produz frutos. Pode-se considerar dionisíaco aquele que vive uma “embriaguez lúcida”, que se entorpece de arte e jamais repreende os instintos. O homem que nega o dionisíaco, também está negando o impulso natural, não vive a realidade, está em estado de resignação.

Há um duplo impulso na natureza, e isso tem expressão mais evidente no relato que Nietzsche faz com relação à cultura europeia.

---

3 Compositor alemão que viveu no século XIX. Compôs um musical famoso, Tristão e Isolda, o que para Nietzsche enalteceu a possibilidade de uma cultura menos derradeira. Wagner foi também um filólogo de suma importância na Alemanha.

Nesse sentido, um desses impulsos foi sobreposto como cabível para o desenvolvimento da civilização ocidental, o de Apolo. O jogo de forças, que ora se opõem ora se reconciliam, está entre o apolíneo e o dionisíaco: a ordem e o caos, a lucidez e a embriaguez. Todavia, é uma divergência necessária para a produção da arte segundo o autor: “ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 24).

Percebe-se claramente uma influência direta do filósofo pré-socrático; Heráclito, que propôs uma filosofia que anunciava a mutabilidade da existência – um indo e vindo infinito –, definirá uma noção importantíssima para que a obra nietzschiana seja compreendida, a de devir, que tardiamente (interpretada por Nietzsche) será o “eterno retorno”, encadeada à aceitação da dor enquanto redentora (*amor fati*) e, ainda na juventude de Nietzsche, no devir eterno das duas grandes divindades, Apolo e Dionísio. Importante ressaltar que Heráclito é o escopo deste capítulo, naquilo que se refere à estética pré-socrática.

A contraposição contínua entre o apolíneo e dionisíaco é o movimento da vida, são dois impulsos que estão presentes na natureza e que divergem constantemente. Dois deuses da arte, o primeiro influencia claramente nas artes plásticas e o segundo, ainda em duplicidade, na música.

Em ambos os estilos de arte, Nietzsche diz que são maneiras que os artistas encontram para representar o ilusório, os sonhos. O homem colhe no sonho uma experiência prazerosa e de júbilo.

Assim como também me contaram a respeito de pessoas que foram capazes de levar adiante a trama causal de um e mesmo sonho durante três ou mais noites consecutivas: são fatos que prestam testemunho preciso de que o nosso ser mais íntimo, o fundo comum a todos nós, colhe no sonho uma experiência de profundo prazer e jubilosa necessidade (NIETZSCHE, 2007, p. 26).

Alegria com aquilo que pode ser encontrado no inconsciente, com as melhores e piores projeções da mente. É

artística esta aceitação e o desejo pelo sonho, o autor demonstra que há em cada homem um mundo de fantasias, e este mundo é refletido diretamente nas artes sob os impulsos de Apolo e Dionísio. Um descontrole mental que entrelaça o real e o inverossímil, fazendo com que o artista busque imensuráveis maneiras de imprimir estes sonhos nas artes.

O autor considera-se dionisíaco, um aprendiz, e demonstra ojeriza às civilizações que abominam este aspecto natural. Viver conforme os instintos representa o aprimoramento da natureza humana, rejeitá-lo é retroceder e, também, incitar-se ao nada. Não é exagero afirmar que Nietzsche estabelece o apolíneo como o impulso da moral, uma fixação do comportamento ordenado, misericordioso, que de certo modo promove a *décadence* no mundo ocidental: “Para conceber tudo isso, precisamos demolir pedra após pedra, por assim dizer, o artístico edifício da cultura apolínea [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 32). Sem dúvidas, a ascese socrático-platônica é o alicerce que sustenta a moralidade que boicota a vida e a arte.

O apolíneo é para Nietzsche o princípio de individuação, um processo de criação do indivíduo que se realiza como uma experiência de medida e da consciência de si. E se Nietzsche dá a esse processo o nome de apolíneo é porque, para ele, Apolo, deus da beleza, cujos lemas são “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”, é a expressão, a representação, a imagem divina do princípio de individuação (MACHADO, 2005, p. 7).

Ter como discussão o dionisíaco e o apolíneo é algo que está restrito em *Onascimento da tragédia*, por grande influência estética de Schopenhauer. Este entende a arte como um refúgio do pessimismo, algo que torna a existência suportável. A arte, em Schopenhauer, é o único bem contemplativo, pois afasta o homem do estado de angústia advinda da vontade e insaciabilidade: a arte faz com que o homem esteja em harmonia, nem que seja por um instante.

O quesito artístico pelo qual Nietzsche se ocupa é a música (MACHADO, 2005). A música é um tipo de arte metafísica, está sempre presente na natureza. Ao analisar tal relação, percebe-se que a juventude de Nietzsche é uma fase de preocupação metafísica, pois a música está no todo.



A tragédia nasce do espírito da música. Inspirado em Schopenhauer e em Wagner, que interpretaram a música como expressão imediata e universal da vontade entendida não como vontade individual, mas como essência do mundo, Nietzsche pensará a música como uma arte essencialmente dionisiaca e, portanto, o meio mais importante de se desfazer da individualidade. Mas, se a música é o principal elemento que permite explicar o nascimento da tragédia, para dar conta totalmente desse fenômeno artístico Nietzsche acrescenta à música seu componente dionisiaco, os componentes apolíneos: a palavra e a cena (MACHADO, 2005, p. 8).

O dionisiaco incorpora à cena do apolíneo, gerando a reconciliação dos impulsos. O mito trágico representa no herói o uno imaginário, a vontade, segundo Schopenhauer (MACHADO, 2005). Este uno imaginário contraria-se ao *principium individuationis*<sup>4</sup>, também tratado por Schopenhauer, ou seja, há nele o entrelaçamento do apolíneo e do dionisiaco, a reconciliação (e também vontade). A manifestação apolo-dionisiaca encaminha à busca da autoafirmação, do poder. É na música de Wagner que Nietzsche encontrará este herói.

Música e mito trágico são de igual maneira expressão da aptidão dionisiaca de um povo e inseparáveis uma do outro. Ambos procedem de um domínio artístico situado para além do apolíneo; ambos transfiguram uma região em cujos prazenteiros acordes se perdem encantadoramente tanto a dissonância como a imagem terrível do mundo, ambos jogam com o espinho do desprazer, confiando em suas artes mágicas sobremaneira poderosas, ambos justificam com tal jogo a própria existência do “pior dos mundos” (NIETZSCHE, 2007, p. 141).

Essas expressões entrarão em contradição na figura de Zarathustra, há uma presença forte de Schopenhauer e Richard Wagner. Ora, a primeira fase de Nietzsche é uma fase um tanto pessimista, mais engajada à cultura alemã, à academia, quando o mesmo ainda está se desenvolvendo na Filosofia, ainda não possui os seus aspectos clássicos, que o imprimiram na história.

Em sua primeira fase, há o *para além do apolíneo*, aquele que supera a figura e universaliza-se. A música é uma presença recorrente

4 Princípio de individuação.

no mundo, os sons sempre são manifestados, podendo tornar-se melodias, essa é a justificativa para uma possível metafísica estética.

A pergunta “o que é o ente?” procura pelo ser do ente. Para Nietzsche, todo ser é um devir. Todavia, esse devir tem o caráter da ação e da atividade do querer. Em sua essência, porém, a vontade é vontade de poder. Essa expressão nomeia aquilo que Nietzsche pensa quando apresenta a pergunta diretriz da filosofia (HEIDEGGER, 2007b, p. 9).

Esse aspecto metafísico, Heidegger identifica, inclusive, na obra incompleta *A vontade de poder*, pertencente à última fase de Nietzsche, porém não é tão enfatizado quanto na sua fase inicial. Mas, Heidegger era um hermenêuta, possuía facilidade para uma interpretação tão árdua. Ao mesmo tempo, não se sabe se Nietzsche aprovaria uma leitura metafísica de sua obra, pelo menos no que diz respeito ao Zaratustra. Mas, a análise de Heidegger com relação ao conceito de vontade, refere-se a um conceito da última fase de Nietzsche, pela qual Schopenhauer é rejeitado.

## 1.2 O socrático e o dionisíaco: posturas filosóficas em oposição

Dionísio é impulso, pois exorta à existência pautada no corpo e na abdicção do bem e do mal, a única certeza do homem grego é a de que um dia irá perecer. Esta angústia é suprida nas artes, uma realização com a finalidade de suportar a existência. Ora, a tragédia está interligada em não haver uma saída para a morte. Por qual motivo o homem dionisíaco despojaria de seus prazeres a fim de cultivar uma expectativa para a continuidade da vida? Precisamente um dionisíaco aprecia a volúpia. Ao contrário, resta apenas à moralidade espiritualizada que há em Apolo uma falta de estímulo ao que está impregnado na natureza do homem. A repressão da vontade, ultrajada de apolíneo, terá Sócrates como figura de destaque. Sócrates e Platão são considerados por Nietzsche os grandes separadores do real e do ilusório, ambos tinham a intenção de racionalizarem a existência.

Reconheci Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos, como antigregos (Nascimento da

Tragédia, 1872). Aquele *consensus sapientium* – isso eu compreendi cada vez melhor – o que menos prova é que eles tinham razão sobre aquilo que concordavam: prova muito mais que eles próprios, esses mais sábios, de alguma maneira concordavam em algo *fisiologicamente* entre si, para da mesma maneira se colocar – ter de colocar-se – negativamente diante da vida (NIETZSCHE, 2014, p. 17 - 18).

Nietzsche, ao alegar na obra *O Crespúsculo dos ídolos* que Sócrates e Platão não podem ser considerados gregos, tem como intuito afirmar que a vitalidade cultural desta civilização está na arte, no viver em prol dos próprios sonhos, quando na verdade estes filósofos a caracterizaram como uma mera cópia da realidade, algo meramente irracional e prejudicial.

Por conseguinte, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição. Por exemplo, dizemos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro, e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios. Mas nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes, se for bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe com a semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro (PLATÃO, 2008, p. 455).

A arte para Nietzsche não é uma cópia da realidade, pelo contrário, é a grande justificativa para que seja possível suportá-la. Isto fundamenta o olhar pessimista sobre a felicidade, identifica nestes “antigregos” uma negação, já que para o autor a única coisa que verdadeiramente existe são os instintos.

E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”, ao passo que a autoexaltação e o desmedido eram considerados como os demônios propriamente hostis da esfera não apolínea, portanto como propriedades da época pré-apolínea, da era dos Titãs e do mundo extra-apolíneo, ou seja, do mundo dos bárbaros (NIETZSCHE, 2007, p. 38).

Efetivaram as paixões embriagadas como desordens da alma, vícios que devem ser excluídos do comportamento humano.

Para Platão, o corpo é o cativeiro da alma e, a alma dotada de virtudes, portanto, deve conduzir o corpo para que na vida carnal seja possível não apreender paixões, e ter uma vida feliz no mundo inteligível.

Apesar da divergência entre Apolo e Dionísio representar o fluxo vital, Apolo foi incorporado no mundo grego para estabelecer a ordem. Dionísio é expulso, pois a desmedida passa a ser mirada como um estorvo para a felicidade. Platão viveu, sob o governo do impulso apolíneo, dando um suplemento decisivo a um dos maiores problemas do pensamento nietzschiano, o domínio da racionalidade, isto é, da razão.

## CAPÍTULO II

# A AFIRMAÇÃO DA DOR E DO DEVIR NA TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

### 2.1 Richard Wagner e Schopenhauer como duas negações da existência

No capítulo anterior, os objetos de reflexão foram a estética dionisíaca na juventude de Nietzsche e as implicações de Sócrates e Platão na formação da Grécia apolínea. Um aspecto que se mantém em sua maturidade filosófica, mesmo na ruptura com o compositor Richard Wagner e o filósofo Schopenhauer, é o dionisíaco. Dionísio representa um elemento fundamental para compreender o problema da felicidade, uma afirmação instintiva, junto com o *amor fati* e o eterno retorno.

Nietzsche tem a sua maturidade caracterizada pela apresentação de Zaratustra, o sátiro que se recusa a ser santo, uma figura que vivencia o alto das montanhas e a solidão: póstumo, a frente de seu tempo. Zaratustra está por cima do homem, para além do bem e do mal, *Übermensch*<sup>5</sup>, uma “transvaloração de todos os valores”. Toda produção após a obra *Assim falou Zaratustra*, é uma “transvaloração de todos os valores”, e uma continuidade ao que o autor considera ser o grego.

A compaixão cristã pode ser analisada através da vivência do autor. Este capítulo possuirá uma análise biográfica de Nietzsche, pois a sua filosofia está relacionada diretamente com a sua história, assim

---

5 É um dos principais termos, especialmente na maturidade. Pode ser traduzido como “além do homem”.

como outros autores alemães (em especial). A sua “transvaloração” possui uma justificativa direta em *Ecce homo*.

Haverão de me perguntar por que foi que contei todas essas pequenas coisas, que segundo o juízo convencional inclusive não guardam o menor interesse; eu prejudico a mim mesmo com isso, tanto mais pelo fato de eu estar destinado a representar tarefas grandiosas. Resposta: essas pequenas coisas – alimentação, lugar, clima, recreação e toda casuística do egocentrismo – são mais importantes – quaisquer que sejam os conceitos – do que tudo aquilo que foi tido como importante até o momento (NIETZSCHE, 2003, p. 59).

*Ecce homo* é uma obra autobiográfica, um egocentrismo refinado e uma preocupação filosófica distinta. Nietzsche não quer tratar das abstrações (Deus, essência, ser, natureza), e sim daquilo que um dionisíaco em legitimidade trataria: saúde, alimentação, ambiente. O ambiente, por exemplo, é crucial na instigação reflexiva do autor, pois o mesmo afirmou nunca ter tido a sua vida potencializada enquanto morava na Alemanha (seu país natal). Em razão da sua doença, sífilis, fora obrigado a abandonar sua cátedra na Universidade de Basileia, onde ministrava disciplinas interligadas às letras clássicas (Filologia). A doença fez com que o filósofo viajasse e asseverasse sua existência, uma enfermidade produtiva.

Naumburg, Schulpforta, e a Turíngia inteira, Leipzig, Basileia – todos eles são lugares pouco felizes para a minha constituição fisiológica. Se não tenho a menor lembrança bem-vinda de minha infância e de minha juventude inteira, seria tolice querer creditá-lo assim chamados motivos “morais”... por exemplo à falta indiscutível de companhia adequada: pois essa falta existiu sempre, como ainda hoje existe, sem que me causasse o menor prejuízo no fato de ser alegre e bravo (NIETZSCHE, 2003, p. 46).

Tal como fez Descartes em seu *Discurso sobre o método*, ao apresentar um modelo monológico de se fazer filosofia em uma descrição autobiográfica, Nietzsche apresenta ao leitor uma filosofia “transvalorativa” no *Ecce homo* (apenas pela apresentação autobiográfica), mas recusaria e avistaria ser um lapso caso a mesma fosse referida como um modelo ou método. Zaratustra não é um método ou modelo, é afirmação instintiva, um culto direto a Dionísio.

O autor não tinha a pretensão de atrelar-se a qualquer movimento filosófico, apesar dos existencialistas, frankfurtianos e muitos pós-modernos terem sido grandes leitores de sua obra, e estes mesmos leitores criaram sistemas de filosofia, eram vinculados a movimentos.

Esta autobiografia egocêntrica que, por exemplo, apresenta ao leitor sugestões para ter uma boa saúde, é uma rebenção com os valores espirituais: “Nos meus tempos em Basileia toda a minha dieta espiritual, incluída a divisão do dia, era um abuso completo e sem sentido de forças extraordinárias” (NIETZSCHE, 2003, p. 47). As forças extraordinárias são a própria natureza, os próprios instintos, que são negados em consequência desta “dieta espiritual”. Transvalorar, neste aspecto, é cuidar da saúde e, ao mesmo tempo, tornar-se aquilo que é, sem dar a mínima importância para o “idealismo” ou “questões espirituais”.

Pregador de uma nova doutrina, o adivinho vem substituir o sentido que a interpretação cristã do mundo havia dado à existência humana, pela total ausência de sentido. Difusor de uma nova crença, ele vem substituir o ideal ascético pelo “niilismo suicida”: Com a falência do cristianismo, é como doutrina e crença que o niilismo se propaga. Paralisante, seu veneno atinge todos os domínios, até o do conhecimento. Niilistas são os contemplativos, que separam teoria e prática, que renunciam a criar valores, que abdicam de legislar. Em decorrência da morte de Deus, e da consequente supressão do solo a partir do qual os valores instituídos foram engendrados, o adivinho, esta figura do niilismo, instaura o vazio (MARTON, 1999, p. 137).

Nietzsche enterra Wagner e Schopenhauer, como também denuncia o idealismo alemão. O idealismo passa a ser dado como uma deturpação do homem, um niilismo, uma negação. A palavra “niilismo” na filosofia nietzschiana possui um conteúdo próprio, é negação da instintividade. Ao contrário de Hegel, o “alemão” busca em Heráclito um argumento de impermanência definitiva, a ausência do absoluto, inexistência do mesmo. Não pode anunciar para si o que se é, quando identifica na existência uma fixação, e Zaratustra anuncia primeiro a si. Aquele que transvalora valores, renuncia o outro para anunciar-se, se autoadmira na solidão das montanhas, considerada por muitos uma solidão fria. Em *Ecce Homo*, o autor

diz sobre a necessidade da dureza consigo mesmo, a admissão da verdade, e aquele que aderir pode progredir ou refriar-se.

O que desperta Nietzsche à filosofia é Schopenhauer, tal atuação é clara no *Nascimento da tragédia*. Schopenhauer é apresentado como o espírito da filosofia alemã, disposto a eliminar da história essa manifestação socrática.

Lembre-mos em seguida como, por meio de Kant e Schopenhauer, o espírito da filosofia alemã, manando de fontes idênticas, viu-se possibilitado a destruir o satisfeito prazer de existir do socratismo científico, pela demonstração de seus limites, e como através dessa manifestação se introduziu um modo infinitamente mais tranquilo e sério de considerar as questões de considerar as questões éticas e a arte, modo que podemos designar francamente como sabedoria dionísíaca expressa em seus conceitos (NIETZSCHE, 2007, p. 117).

Mas, ao contrário da obra *O mundo como vontade e representação* de Schopenhauer, a filosofia nietzschiana faz promessa de vida, tem o gosto da renúncia da morte, não adentra ao niilismo, pois o instinto é um valor. Schopenhauer por sua vez é considerado por Nietzsche, em sua maturidade, como um *décadence*. Admite na revisão das *Extemporâneas* em *Ecce Homo* que o ateísmo o levou à obra de Schopenhauer, mas o seu pessimismo é derradeiro comparado ao grande Zaratustra.

Justo a tragédia é a prova de que os gregos não foram pessimistas: Schopenhauer se engana neste, como em todos os outros pontos...Tomada nas mãos com alguma neutralidade, o “Nascimento da tragédia” é uma obra bastante extemporânea: ninguém jamais chegaria a sonhar que ela foi começada sob os trovões da Batalha de Worth. Eu pensei e elaborei esses problemas ante os muros de Metz, em frias noites de setembro, em meio ao serviço no corpo médico; seria mais fácil pensar que a obra é cinquenta anos mais velha do que de fato é. Ela é politicamente indiferente – “nada alemã”, dir-se-ia hoje –, cheira escandalosamente hegeliana e em apenas algumas fórmulas é acometida pelo perfume amargo-cadáverico de Schopenhauer (NIETZSCHE, 2003, p. 73).



Esse desmembramento comprova que o cerne nietzschiano, com relação ao trágico, não é constituído com a desvalença da existência, mas que a dor, o devir eterno e o amor ao destino situam a potência, tornam fortalecidos nesta mesma existência. Porém, talvez, a ruptura de maior significância para afirmar o Zaratustra seja com Richard Wagner.

Nietzsche iludiu-se com a representação do trágico na música wagneriana, é como se Wagner pudesse definir este “espírito alemão” e, num dado momento, notou que o músico estava sendo confundido com Hegel. A obra de Wagner havia sido traduzida para o alemão, “virtualizou-se espiritualmente”, o próprio Wagner converteu-se ao protestantismo. Talvez, poucas coisas causavam tanta ojeriza a Nietzsche do que essa cultura alemã, esse ideal, a senhoriação cientificista do absoluto. Wagner comprometeu a possibilidade de felicidade no trágico, submeteu-se ao aprisionamento do moderno: o assassino de Deus. De repente, o compositor passou a ser um mero colaborador da Modernidade, não era uma peculiaridade entre os homens, apenas mais um alemão estasiado pelo absoluto, por Deus e por Hegel.

O que havia acontecido?... Haviam traduzido Wagner para o alemão! O wagnerianismo se tornou senhor sobre o próprio Wagner!... A arte alemã! O mestre alemão! A cerveja alemã!... Nós, os outros, que sabíamos bem, até demais, que a arte alemã de Wagner é capaz apenas de falar de perto ao cosmopolitismo do gosto, estávamos fora de nós ao reencontrar Wagner coberto de “virtudes alemãs” (NIETZSCHE, 2003, p. 86).

## 2.2 A dor como um impulso existencial

Há esse anúncio constante de ruptura, e a existência sendo situada como um princípio. Nietzsche rompe por necessidade vital, não dá importância alguma a qualquer tipo de consequência, prefere a solidão ao colocar em prática a negação. A solidão como maturidade e a juventude inteiramente designada à inspiração de Wagner e Schopenhauer, são elementos factuais que apresentam o devir heraclítico no orgulho das contradições. Zaratustra se contradiz

no alto das montanhas, Nietzsche em sua própria história por mera necessidade, presenteado com uma doença que revigora o seu olhar – deixa de ser um professor filólogo e, por sua vez, filosofa nas suas diversas viagens em busca de lugares com a temperatura quente.

Todavia, o afastamento da cátedra da Basileia e o progressivo distanciamento de Wagner e seu círculo fizeram com que Nietzsche mudasse a forma de relação com a doença. Vale ressaltar a mudança de atitude e de estado de espírito por ocasião do início da década de 1880. Foi para a Itália e sua saúde apresentou uma tênue melhora. Apesar de continuar com as enxaquecas, seu humor melhorara, e os médicos já não compreendiam sua enfermidade. Iniciara-se um processo de libertação do conjunto de saberes que lhe ditava uma norma de conduta e de pensamento (CALÇADO, 2012, p. 40).

É apresentado um martelo (a transgressão de todos os valores) que despedaça ideais, talvez o primeiro a desmoronar seja o ideal socrático-platônico, a vida ordenada conforme o princípio cosmológico, Parmênides e a sua lógica apresentada por Platão e sistematizada por Aristóteles, o princípio de não contradição. Novamente, Nietzsche além de dionisíaco, invoca Heráclito. Dionísio, entendido como um espelho perverso é resgato. Heráclito, tratado por Fichte e Hegel<sup>6</sup> na importância das contradições na história, é reinterpretado. A contradição é um devir transvalorativo, e a obra nietzschiana apresenta este aspecto de forma assistemática. O Zaratustra que desceu das montanhas é completamente desconhecido antes de subi-las. Não há meras mudanças, mas contradições. O jovem Nietzsche é rejuvenecido na maturidade, quando libertado do idealismo (pseudotragédia) de Wagner e do “nihilismo” de Schopenhauer.

Se o estado de melhora da saúde de Nietzsche é tênue (Calçado, 2012), filosoficamente o autor é curado, pois nas viagens e na solidão afirma o que nele há de melhor, os seus instintos. O alemão pode ser referido não apenas como um

---

6 Autores de suma importância dentro da elaboração do idealismo alemão nos séculos XVIII e XIX. O romantismo foi um movimento que, na juventude, impulsionou Nietzsche e o conduziu em sua produção filosófica. Os românticos foram grandes condutores para a história da Filosofia Contemporânea. Esse movimento recupera, especialmente na cultura alemã, a noção de trágico e também de devir (Goethe, Schiller).

discípulo de Dionísio, mas o seu Zaratustra pode ser a grande representatividade de Dionísio, o retorno dele.

Nietzsche legou-nos um relato próprio sobre o surgimento da ideia do retorno do mesmo. A razão mais imediatamente à mão para esse fato é que ele atribuiu uma significação excepcional a essa doutrina. A razão mais profunda está no costume exercitado por Nietzsche desde os seus tempos de juventude, de fazer com que seu trabalho de pensamento fosse constantemente acompanhado por uma automeditação expressamente firmada (HEIDEGGER, 2007, p. 200).

Com a morte de Deus, quem são aqueles que retornam? Os póstumos que foram injustiçados pela *moralina* (NIETZSCHE, 1999), Dionísio e Zaratustra. O Anticristo é a novidade, aquele que diz o que nunca foi dito, a verdade. A verdade é algo novo, ao contrário do velório prolongado do cadáver de Deus.

Mas o novo é, em todas as circunstâncias, o mau, aquilo que deseja conquistar, lançar por terra as antigas marcas de fronteira e as velhas piedades; e somente o antigo é bom! Os homens bons de cada época são os que cavam fundo nos velhos pensamentos e os fazem dar frutos, os lavradores do espírito (NIETZSCHE, 2012b, p. 56).

Esta automeditação citada por Heidegger refere-se ao egocentrismo refinado refletido neste mesmo capítulo. Automeditar-se é transvalorar e afirmar o devir. A dor é um movimento existencial que exorta ao martelo de desmanche de ideais, com a finalidade de desfixar a verdade, ou seja, a verdade está no devir eterno e na emancipação através da aceitação do destino, o *amor fati*, todavia, este ponto fundamental será discutido no próximo capítulo, na tentativa de esclarecer a vida trágica enquanto possibilidade para uma existência feliz.

Para Nietzsche, a palavra *virtude* não possui o mesmo significado que no sentido geral da história da filosofia, não está atrelada a esta paixão de si e da alteridade: “Toda conquista, todo o passo adiante no conhecimento é consequência da coragem, da dureza em relação a si mesmo” (Nietzsche, 2003, p. 19).

Neste aspecto, em sua segunda fase, essa moralidade pautada nas fraquezas é um delírio frente à realidade, a fraqueza sempre foi utilizada como um instrumento de dominação e eliminação de consciência intelectual. *A gaia ciência* trata, por exemplo, do riso da Modernidade como uma prática tola. Uma Modernidade que mantém o cadáver de seu Deus embalsamado, não há mais a divindade em si, apenas o seu odor, isto não é uma contradição, mas uma hipocrisia que se realiza sob a razão do amedrontamento.

A boa-nova é o retorno do dionisíaco, e Zaratustra é o profeta anunciador do presente, é ele o homem que pergunta ironicamente a respeito de Deus pelo mercado. E, logo após alguns olhares e afirmações, é dita a frase que alterou o percurso da Filosofia: “Deus está morto!” (Nietzsche, 2012). Esse anúncio soa para muitos como uma metralhadora giratória, ela extermina idealismos. Qual é o sentimento do homem que, cotidianamente, vela o cadáver de seu Deus? Pode-se dizer que as instituições religiosas e suas catedrais não passam de lápides e mausoléus? Eis que, diante da verdade e das consequências da conduta do homem (a modernidade que assassinou seu próprio Deus), se mostra o que estava trancafiado na negação: o trágico.

Certamente, ao perceber que do absoluto só restam os cacos, o indivíduo sente-se a ponto de afogar numa existência sem Deus, não está preparado para lidar com os seus impulsos, nunca reconheceu a compaixão como um sintoma de desordem. Para este homem, a desordem é o verdadeiro.

*No horizonte do infinito* – Deixamos a terra firme e embarcamos! Queimamos a ponte – mais ainda, cortamos todo laço com a terra que ficou para trás! Agora tenha cautela, pequeno barco! Junto a você está o oceano, é verdade que ele nem sempre rugue, e às vezes se estende como seda e ouro e devaneio de bondade. Mas virão momentos em que você perceberá que ele é infinito e que não há coisa mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se bate nas paredes dessa gaiola! Ai de você, se for acometido de saudade da terra, como se lá tivesse havido mais liberdade – e já não existe mais “terra”! (NIETZSCHE, 2012, p. 137).

Ante o comodismo da crença no ideal viveu o homem, que se sente engaiolado pela liberdade e, ao mesmo tempo, livre ao contemplar um sepulcro. A verdade é entendida como uma crueldade, Dionísio não foi substituído por Apolo em vão. O trágico não foi suspenso das condutas porque tratava de ilusões e imoralidades, mas porque apresentava a infinitude de um alto que, para ser atingido, é necessário força: a liberdade é uma aceitação!

Os alicerces dos compadecidos foram despedaçados por eles mesmos, não se compadeceram de seu Deus (e o mataram), mas ainda querem reconstruí-los, a Modernidade é viciada em tradição. Contudo, o autor não nega a dificuldade para a novidade, mas exorta à vontade de poder, que está na dimensão trágica da existência.

Considero a própria vida como instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, como instinto para o poder: onde falta a vontade de poder, ocorre declínio. Minha tese é a de que todos os valores supremos da humanidade carecem dessa vontade – que sob os nomes mais sagrados há valores de declínio, valores *niilistas* no comando (NIETZSCHE, 2008b, p. 18).

A aceitação da dor é um modo eficaz de acumular forças, o homem trágico é desafiado a experimentá-la inúmeras vezes, como se a dor fosse capaz de imprimir a fortaleza do trágico à história. Omitir a dor da existência, consolar por via de compaixão, na filosofia nietzschiana é cultivar a errância, afogar-se nesta piedade.

Qual é o caráter corrente do mundo? Resposta: “Força”. O que é força? Ninguém se atreverá a dizer direta e indefinidamente o que é “força”. A única coisa que podemos e precisamos observar aqui é o fato de Nietzsche não conceber e não poder conceber “força” no sentido da física; pois o conceito de força da física, quer ele seja pensado de maneira puramente mecânica ou dinâmica, é sempre apenas o conceito de uma especificação de medida no interior de uma equação; de acordo com o modo como leva em conta a natureza em sua representação, a física enquanto física nunca pode pensar a força enquanto força (Heidegger, 2007, p. 265).

O impulso dionisíaco afirma a dor, o devir e encaminha à dimensão trágica. O poder em Nietzsche é aceitação de dor, mas não

faz com que essa ascense caia no determinismo, mas num movimento de vitalidade, constituída através de escolhas, não as regras da racionalidade ou das religiões: ambas direcionam à *décadence*.

Percebe-se que a vontade de potência não pode ser desvinculada do amor-próprio (*Selbstsucht*) e do cultivo de si (*Selbstzucht*). Para buscar a mais-potência, a vontade entra em combate com as outras vontades. Nesse sentido, desse embate, o amor-próprio sugere um acréscimo de força-vital na medida em que visa, pelo embate, à autoconservação (CALÇADO, 2012, p. 57).

O sofrimento e a doença fizeram com que o autor combatesse o resígnio, por isso que o *amor-fati* não pode ser confundido com o determinismo. Abandonar a sua cátedra na Basileia, viajar pela Europa sob a condução da dor, não foram uma escolha do autor, mas o ajudaram a viver segundo si mesmo.

## CAPÍTULO III

# O TRÁGICO: POSSIBILIDADE PARA UMA VIDA FELIZ?

### 3.1 O atrelo entre o amor fati e o dionisiaco: impulsos à felicidade

A felicidade em Nietzsche está no campo dos instintos, é demonstrada no transvaloramento e na ruptura com o ideal, no experimento da solidão das montanhas e com a morte de Deus, anunciada pelo Zaratustra. Feliz é aquele que não tem compaixão, que não admite as fraquezas e, do alto das montanhas, busca a força e a superioridade. Neste anúncio há o retorno do dionisiaco, um retorno à Grécia pré-apolínea, o enterro da Modernidade e do que chamam de progresso, o absoluto torna-se um cadáver, pois o ideal é entendido como uma farsa/doença/delírio.

Neste capítulo será apresentado com mais precisão o cruzamento da primeira e da última fase de Nietzsche: sua juventude e a sua maturidade. A juventude é recapitulada para que seja possível compreender o trágico, o modo como ele se realiza na estética. Todavia, sem objeções, o triunfo filosófico de Nietzsche é o Zaratustra, essa ruptura concisa com Richard Wagner e Schopenhauer. O trágico na estética, representa a importância da dor e do sofrimento para que seja possível revigorar, é um impulso para subir as montanhas e respirar o seu gelo. O autor promete a solidão, e, ao mesmo tempo, uma finura no olhar frente a existência, uma certa riqueza.

Esse livro, com sua voz que será ouvida ainda em milênios, não é apenas o livro mais alto que existe, o livro que traz o verdadeiro ar das alturas – o fato “homem”, como um todo, se encontra numa distância monstruosa abaixo dele –, ele é também o

mais profundo, que veio ao mundo da riqueza mais profunda da verdade, uma fonte inesgotável para qual nenhum balde desce sem voltar a subir carregado de ouro e bondade (NIETZSCHE, 2003, p. 19).

Felicidade em Nietzsche não possui elo com o desvanecer das dores e tristezas, a dor é algo a ser assumido, uma vereda a ser percorrida, pois o ideal está no mesmo túmulo do absoluto. A felicidade mantém-se interligada à própria oscilação do estado do homem, pois o mesmo encontra-se sempre em movimento. Para isso, a discussão sobre o eterno retorno é de demasiada conveniência, repetições de enfermidades presentes à vida que se afirma o tempo todo, sem fincar, ponto fixo, afinal, a Modernidade teve o seu fim, basta aceitá-lo.

O que é bom? – Tudo quanto aumenta ao homem o sentimento do poder, a vontade de poder, o próprio poder.  
 O que é mau? Tudo o quanto procede da fraqueza.  
 O que é a felicidade? – O sentimento com que o poder se “engrandece”, com que se vence uma resistência (NIETZSCHE, 2005, p.14).

A dor é um artifício de realização e afirmação, a arte é uma forma de relatar o doloroso como revitalização/fonte vital. A vida trágica é uma indução ao entorpecimento no artístico. No primeiro capítulo, foi dissertado a respeito do júbilo estético que oferecem os sonhos, o sonho enquanto debochador da “seriedade humana” e também de apelo ao lúdico. Não é proibido associar o lúdico à tragédia. Ora, o homem é um coadjuvante na tragédia, o herói trágico debocha da limitação humana.

A tragédia é um âmbito artístico, o além de si que se manifesta esteticamente, a imagem é a do *Viajante Acima de um mar de nuvens* relatada nas telas do pintor Cásper David Friedrich<sup>7</sup>. Do alto da montanha, Zaratustra cicatrizado pelo flagelamento da existência, regozija da humanidade, pois marcada pela compaixão marginalizou a tragédia e o dionisíaco, como também assassinou o seu criador. Tragédia no grego é o *tragos*, que quer dizer bode. O bode é sacrificado e, ao mesmo tempo, cultuado. Na cultura pré-apolínea,

---

7 Pintor romântico que realizou a sua obra no século XVIII. Inspirou muito a Nietzsche.



o *tragos* é a figura das personas nomeadas de *sátiros*, que dançavam, cantavam e riam. O mesmo *tragos* tem o seu sacrifício interpretado como um modo de satirizar a brevidade da existência, com a finalidade de superar as limitações, sem negar a morte. Eurípedes foi um autor trágico, o mais jovem entre os três mais importantes, responsável pela admiração nietzschiana da palavra desmedida.

Até que ponto eu também havia descoberto, justamente com isso, o conceito “trágico”, o discernimento final sobre o que é a psicologia da tragédia, eu já o trouxe à baila várias vezes, a última delas no crepúsculo dos ídolos: ‘O dizer sim à vida, até mesmo em seus problemas mais estranhos e mais duros, a vontade para a vida, que se alegra em sua própria inesgotabilidade até mesmo no sacrifício de seus mais altos tipos – foi isso que eu chamei de dionisíaco, foi isso que eu entendi como ponte para a psicologia do poeta trágico (NIETZSCHE, 2003, p. 86).

Este poeta trágico supera em seus versos a condição de homem, gargalha da humanidade, do seu amor à fraqueza – o seu orgulho pela resignação. Schopenhauer teria atribuído ao trágico como digno de pena, um declinado, pessimista. Nietzsche foi capaz de identificar ao que nomeou de *pathos* filosófico: trágico não é somente aquele sofre, mas que se embriaga do aspecto artístico presente no seu sofrimento. Assim diz: “[...] Nesse sentido eu tenho direito de reconhecer a mim mesmo como o primeiro filósofo trágico [...] antes de mim não existiu essa transferência do dionisíaco para o *pathos* filosófico: faltava a sabedoria trágica” (NIETZSCHE, 2003, p. 86).

O autor expressa repúdio pelo homem, é a sua frustração. Acusa a humanidade de nada ter aprendido com aquele que nomeou de mensageiro em *O anticristo*. Ou seja, vale ressaltar, o anticristo não combate ao Cristo, algumas vezes pode, inclusive, ser associado ao *Übermensch*, porque nenhum homem cumpriu seus ensinamentos, não conseguiram atingi-lo. O cristianismo e as suas instituições são entendidos por Nietzsche como uma banalização do crucificado, pois Cristo não morreu em caráter de negação, mas de afirmação. A imagem do Cristo crucificado apresenta, num certo aspecto,

essa mistura entre o dionisíaco e o trágico: um exemplo de existência que experimenta a dor e o sofrimento (*amor fati*), proporcionando embriaguez aos seus seguidores (dionisíaco) – o estado dos apóstolos era o de contemplação.

A exemplo do crucificado, pode-se entender a tragédia como uma forma de embriaguez e contemplação pela existência. Aceitar a dimensão trágica da vida é dizer sim à mesma, como aparece no *Ecce Homo*. O trágico não convida para uma experiência pautada em pessimismo, essa medida é tomada pelo *niilismo* e as suas instituições. No pensamento nietzschiano o sofrimento é um repertório para a arte e a felicidade. A vida de Nietzsche, a sua doença, as suas rupturas, anunciam este mesmo repertório. O próprio autor aparece aos seus leitores como um *Übermensch*.

O resultado do Niilismo europeu não é ainda senão negatividade dilacerada pelo rancor e pela vontade de destruição de todo ente; ele ainda está inscrito na lógica decadente de negação ressentida do mundo, ainda não acedeu à inocência da vontade pessimista que não tem medo de negar a si mesma, “porque nega por prazer”, não mais por carência. O Niilismo cristão não é ainda a forma extrema de Niilismo (GIACCOIA, 1997, p. 42).

Enraivecer pelos instantes trágicos é, de alguma forma, uma instigação ao *niilismo*, estar abaixo das montanhas. O trágico é um fio condutor, uma lágrima convidativa ao riso e à dança, abandono da autopiedade e vínculo integral com a existência. Para Nietzsche o Cristianismo é o maior símbolo de resignação, ao lado do Budismo (muito trabalhado por Schopenhauer em *O mundo como vontade e representação*). Ambas as religiões assoberbam o que é próprio do homem, essencial à existência humana, induzem ao autoabandono.

O que é pesado? Assim pergunta o espírito de carga, assim ele se ajoelha, igual ao camelo, e quer ser bem carregado.

O que é o pesadíssimo, ó heróis? Assim pergunta o espírito de carga, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força.

Não é isto: abaixar-se, para fazer mal a sua altivez? Deixar brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria? Ou é isto: apartar-nos de nossa causa, quando ela festeja sua vitória? Galgar altas montanhas, para tentar o tentador?

Ou é isto: nutrir-se de bolotas e grama do conhecimento e por amor à verdade sofrer fome na alma?

Ou é isto: estar doente e mandar embora os consoladores e fazer amizade com surdos, que nunca ouvem o que tu queres?

Ou é isto: entrar em água suja, se for a água da verdade, e não afastar de si frias rãs e sapos que queimam? (NIETZSCHE, 1999, p. 213).

O Zaratustra é o ápice do poeta trágico, aquele que não se recusa a adentrar na água suja, pois suja é a sua realidade, nem sempre o gosto da verdade é agradável, é isso o que quer dizer o autor, mas a verdade é um remédio para curar a *décadence*, a vida saudável não se constitui harmoniosamente. O trágico não necessita do consolo daqueles que Nietzsche nomeou de malogrados<sup>8</sup>, mas da guerra e de sua supremacia: “Não o contentamento, porém mais poder, acima de tudo não a paz, mas a guerra; não a virtude, mas a excelência[...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 14).

A impulsividade dionisíaca e o devir afirmam a guerra no trágico, a ferida e a cicatriz enquanto instigadoras à potência, isto garante o perecimento dos fracos.

O pensador vê seus atos como tentativas e questões para obter explicação acerca de algo: sucesso e fracasso, para ele, são, antes de tudo, *respostas*. Irritar-se ou mesmo sentir arrependimento, porque alguma coisa deu errado – isso ele deixa para aqueles que agem por terem recebido ordens, e que podem esperar uma surra, caso o seu senhor não se satisfaça com o resultado (NIETZSCHE, 2012, p. 81).

Há no *amor fati* o quesito da responsabilidade: sucesso e fracasso. É escolha do indivíduo amedrontar-se ou levantar-se ante qualquer ocorrência, ou seja, a tragédia atrela-se diretamente às escolhas. Amar o próprio destino, em Nietzsche, é amar as próprias escolhas, tendo como consequência os instintos. Os instintos amostram-se como realizações, euforia diante do artístico e da perversidade de Zaratustra.

Com este agrupamento, nota-se que a felicidade está associada sempre ao empoderamento. Trágico é aquele que detém

<sup>8</sup> Uma variação para o sintoma de *décadence*.

o poder e o busca o tempo inteiro, e não se permite injuriar-se diante das dimensões que são atingidas. Não importa o que aconteça, o herói trágico está em combate, e quando o vence poetiza e dança. E quando perde? Revigora-se na dança, no vinho e no poetizar, fazendo da Tragédia um ato.

### 3.2 A tragédia e a liberdade: As sombras e a felicidade de Zaratustra

Transvalorar, uma ênfase que está em Zaratustra, intitulado aquele que é conhecido como o último Nietzsche, a obra da maturidade. Zaratustra é, simultaneamente, herói, poeta trágico e dionisíaco, pois valoriza o corpo (Marton, 1999). Mas o último Nietzsche conserva algo do primeiro (juventude), a primeira diferença entre essas fases é a postura narrativa dramática (poética) assumida em sua última fase. O primeiro Nietzsche é um acadêmico; *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* e *O nascimento da tragédia* são obras estruturadas, enquanto as obras da última fase são escritas em aforismos e ditirambos: trata-se de um Nietzsche que, precisamente, rompe com a Filosofia e inaugura outro âmbito filosófico.

Zaratustra, ao anunciar a morte de Deus, proclama as sombras. Quando Deus é morto, a importância do sol que manifesta os seus fragmentos no livro VII da *República* de Platão<sup>9</sup> entra em lapso. Porém, viver nas sombras não é ser infeliz para Zaratustra, é estar plenamente livre e atrelado à dimensão trágica.

Tenho eu – ainda um alvo? Um porto, em cuja direção vai minha vela?

Um bom vento? Ai, somente quem sabe *para onde* viaja sabe também que vento é bom e qual é o vento de sua viagem.

O que me restou ainda? Um coração cansado e insolente; uma vontade instável; asas esvoaçantes; uma espinha dorsal quebrada.

Essa procura pelo meu lar, ó Zaratustra, bem o sabes, foi *minha* tortura particular, ela me devora (NIETZSCHE, 1999, p. 242).

<sup>9</sup> O mito da caverna está presente no livro VII da obra *A República*, de Platão. A narrativa trata de indivíduos que têm o corpo como um cativo e que os impede de contemplarem a plenitude solar.

O lar de Zaratustra sempre aparece como o refúgio às montanhas, escondido em uma caverna, contemplando o sombrio, divertindo-se com o sensível. Este poeta tem como perspectiva retornar à Grécia pré-apolínea, superar a humanidade moderna, adocida pela dogmática socrático-cristã. Nas montanhas aguarda este retorno, enquanto canta e dança com as sombras e ri da mentira em que vive a Modernidade, cega pelo seu toque de conceito, tendo a razão em crise.

E com as mãos mergulhadas na juba do leão, Zaratustra sente que seus filhos estão próximos ou que o super-homem chega. Mas em que sentido Zaratustra é o pai do super-homem, causa do eterno retorno? No sentido de condição. Mas de um outro modo, o eterno retorno tem um princípio incondicionado ao qual o próprio Zaratustra está submetido. O eterno retorno depende da transmutação do ponto de vista do princípio que o condiciona, mas transmutação depende mais profundamente do eterno retorno do ponto de vista de seu princípio incondicionado (DELEUZE, 1976, p. 88).

Eterno retorno é uma das principais noções nietzschianas, junto com o *amor fati*. Por influência de Heráclito, Nietzsche apresenta o devir de um modo peculiar, como *vir a ser*, uma autoafirmação engendrada ao trágico, denotando ao mundo o dionisíaco, a redenção do *Übermensch*. Zaratustra dependente de Dionísio (Deleuze, 1976) descerá das montanhas somente para derrubar ídolos, a Modernidade fez-se idealista e tornou-se o ápice do niilismo e da resignação, então será pisoteada pelo ar montanhoso do *Übermensch*, o poeta movido pelo impulso dionisíaco.

A felicidade não está intercalada na obra póstuma de Nietzsche, não convida a nenhum conceito sequer, a nenhuma direção ou interpretação necessária. O autor fala de si e das suas percepções, o Zaratustra não é o caminho a ser andado, mas a dor. É necessário que o mestre (Zaratustra) não tenha seguidores, seja abandonado.

É difícil pensar que o Zaratustra alguma vez tenha sido amado incondicionalmente por algum leitor, como aliás se “prescreve” em muitas páginas do livro, no qual o mestre convida reiteradamente a se libertarem dele e anuncia continuamente o próprio desaparecimento (VATTIMO, 2010, p. 299).

Zaratustra não faz questão de ser visto, não está interessado em ter seguidores, como também não tem pena daqueles que não entendem a verdade, apenas sobe as montanhas, age com superioridade. Com a morte de Deus, pode-se sentir superior, não ponderar os desejos, também não é obrigado a viver entre os homens, mora em uma caverna, pois o sol apagou. Divertir-se com as sombras é aceitar o amor fati, a realidade da ausência de sol é anuência do destino, o que não elimina a responsabilidade do homem. O destino é forjado pelo homem, Zaratustra não prega o determinismo, seu destino pudera ser outro além das montanhas. A caverna não é mais apenas um lugar no mundo, mas o próprio mundo. Em Nietzsche, a grande realidade está no corpo: “Até agora foi o homem, concebido como criatura em relação a um Criador, quem avaliou; e os valores que criou desvalorizaram a Terra, depreciaram a vida, desprezaram o corpo” (MARTON, 1999, p. 135). O sátiro não canta somente a escuridão, mas a verdade.

E como eu vos bendiria, até vós, pequenas estrelas cintilantes, vermes luzentes do céu! E a luz que me dais me encheria de felicidade!

Mas vivo encerrado em minha própria luz, reabsorvendo as chamas que jorram em mim.

Minha pobreza é que minha mão nunca descansa de dar; o que invejo são meus olhares ávidos e as noites iluminadas de desejo.

Ignoro a felicidade de receber; e muitas vezes sonhei que há mais felicidade em tirar do que em receber.

Ó desgraçada sorte de todos os que dão! Ó penumbras do meu sol! Ó desejo de desejar! Ó fome devoradora no coração da saciedade! (NIETZSCHE, 2007, p. 145).

Em *O Anticristo*, Nietzsche realça a hermenêutica para o entendimento do pregador Zaratustra. É necessária a insaciabilidade do desejo, a única forma de imperar e, ao mesmo tempo, deparar-se com a dor, o que manifesta o trágico. Quando recebe é compadecido, ou seja, submetido. Aquele que se compadece do trágico é o inimigo que deve perecer, e jamais aceitar tal compaixão. A escuridão é uma manifestação de força, o riso de Zaratustra significa que algum limite foi superado, que tornou um território monopolizado pelo desejo. Para Nietzsche, a passividade é um ato de fraqueza.

Na escuridão solitária, o *Übermensch* trilha o seu caminho sem direção, pois tem o mais importante: a existência, a vida.

Nietzsche combateu o pessimismo, compreendendo a cultura europeia, notou que a mesma estava constituída em niilismo.

A suspensão do trágico e do dionisíaco na formação da cultura ocidental, em busca de harmonia, medida e plena felicidade, sem dores, num antro de conforto e saciedade, tendo o céu como promessa, em um futuro impalpável, banindo a vida do cotidiano humano, resignou a existência. A felicidade foi destituída, dissuadindo o homem do seu próprio presente. Figuras consideradas germinantes para a formação cultural foram corrompidas pelo niilismo europeu, dois grandes nomes que, em algum momento, foram amados pelo filósofo: Blaise Pascal e Wagner.

Zaratustra inaugura outro âmbito filosófico, fazendo com que seja perceptível no trágico uma possibilidade de vida feliz. Uma felicidade que está no indefinido, na abdicação do conceito e de tudo o que é nocivo para a existência, aquilo que foi oferecido pelo manutenção europeu, em especial o que é considerado pelo autor o ápice do niilismo: a cultura alemã. Nietzsche reflete um bojo novo para a cultura humana, não é em vão que o andarilho é rejuvenescedor, que não perde o seu tempo contemplando o passado, mas fortalecendo o presente. O autor não entende a Grécia pré-apolínea como um passado, mas algo que mantém-se e que é negado, todavia, retornará e constituirá o reconhecimento do dionisíaco na dimensão trágica da existência.

O dionisíaco no Zaratustra não é somente um espelho que apresenta a perversidade, mas é também o espelho da verdade humana: um sátiro, um poeta, aquele que canta e dança, um andarilho. A sombra e a escuridão são partes da existência, algo que deve ser efetivado pelo comportamento, a luz foi inventada pelo temor para reprimir e oprimir a instintividade e a sua necessidade, empoderou muitas instituições com o ideal de verdade. Por diversas vezes, a luz aparece na história, não somente como salvação, mas também como obtenção de racionalidade. A racionalidade é a grande embalsamadora do corpo de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Modernidade mantém o corpo de Deus embalsamado, mas não foi capaz de perceber, apenas sente um odor indescritível. Essa mesma morte possibilita ao homem reencontrar a felicidade na dimensão trágica da existência, naquilo que não está fixado, que não está determinado. Zaratustra é um anunciador com poucos ouvidos dispostos, por esse motivo, Nietzsche se considerou um filósofo póstumo e, ao mesmo tempo, o resgatador de um impulso que foi rejeitado, o dionísio: “Só o passado amanhã me pertence. Alguns nascem póstumos” (NIETZSCHE, 2005, p. 11).

Precisamente, a felicidade, em Nietzsche, está na afirmação do trágico, no devir eterno da dor e, ao mesmo tempo, do poder. Feliz é aquele que faz perecer os fracos e experimenta a dor, pois a vida é constituída na dimensão trágica da existência. Zaratustra é um signo para o afastamento de Nietzsche da metafísica de artista (MACHADO, 2001), tendo a sua própria obra de arte: “[...] o canto que Nietzsche não cantou em seu primeiro livro, e que permite considerá-lo o ápice de sua filosofia trágica” (MACHADO, 2001, p. 20). É um canto para celebrar a escuridão, e também colocar em prática a instintividade, cantar é anunciar. O poeta trágico canta quando percebe a afirmação do doloroso.

Definitivamente, Nietzsche não é um pessimista, é um filósofo que une a alegria e a dor, ambas impulsionadoras para uma vida feliz. O trágico não aparece como um *niilista*, o que muitos julgam ser o pensamento nietzschiano, mas como um apaixonado pelo o que é indeterminado. Em seu combate ao idealismo, com escritos agressivos, é possível relatar o cuidado com o que é individual, pois o autor sempre buscou cuidar de si mesmo.

Para a felicidade, Nietzsche desvencilhou-se da academia. Apesar da complexidade que representam os seus escritos ao



leitor, Nietzsche escreveu para o futuro, denunciando uma filosofia constituída pelo ressentimento e supressão da vida, através de um modelo acadêmico: “[...] o instinto do autorrestabelecimento me proibiu uma filosofia da miséria e do desânimo... E é nisso que se reconhece, no fundo, a vida que deu certo!” (NIETZSCHE, 2003, p. 27). Através desta análise, pode-se afirmar que Nietzsche nasceu alemão, porém, tornou-se um grego.

Na filosofia trágica, é possível identificar novos princípios para a Ética, é uma recuperação do comportamento da Antiguidade pré-socrática. E, ao mesmo tempo, pode-se dizer que o nome de Friedrich Nietzsche é a representação filosófica da juventude, principalmente das apologias às transgressões que ocorreram na metade do século XX; a transvaloração ganha o nome de transgressão, principalmente na Alemanha, em Maio de 68, muros com a frase, “Deus está morto!”. A proposta nietzschiana é superar a Modernidade, libertar o homem do compadecimento, eliminar a fixação por um ponto fixo na história, e sim ter predileção pelo indeterminado, afinal a Modernidade substituiu a busca pela verdade, em troca da certeza, nem que isso tivesse que ter custado as próprias necessidades humanas. O futuro, para Nietzsche, está na concepção de Eterno Retorno, o dionisíaco se afirmará no retorno das dores do trágico, a felicidade se manifestará inconstantemente, tendo como única permanência o desprezo pelo ideal. O ideal não passará de uma quimera, como se a cultura alemã fosse somente capaz de produzir quimeras permanentes.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Friedrich Nietzsche

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Lima Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, Os Pensadores, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. Rio Grande do Sul: L&PM, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro editora, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Demais obras citadas:

CALÇADO, Thiago. *O sofrimento como redenção de si: doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*. São Paulo: Paulus, 2012.

CASADO, Tiago Souza Machado. *Sabedoria trágica no último Nietzsche*. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Contemporânea) – Universidade Estadual de São Paulo. Marília, 2010.

CASANOVA, Marco Antonio. *A religião da terra: o lugar do sagrado no pensamento de Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: DP & A, UNI-RIO, FAPERJ, p. 333, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. 1. Ed. Tradução de Ruth Joffily e Edmundo Fernandes dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e auto-supressão da moral*. 1.ed. CAMPINAS: UNICAMP, 1997.

HEIDEGGER, Mártin. *Nietzsche I*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2007.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTON, Scarlett. *A morte de Deus e a transvaloração dos valores*. São Paulo: Hynpos: Revista do Centro de Estudos da Antiguidade, n. 5, p.133, fevereiro, 1999.

PLATÃO. *A república*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.